

Opiniões divididas sobre novo local

Philio Terzakis
Da equipe do **Correio**

A maior parte da população do Distrito Federal quer a legalização da Feira do Paraguai. Foi o que mostrou o resultado de pesquisa realizada na última quinta-feira pelo Instituto Soma de Opinião e Mercado. Mas os moradores estão divididos quanto à permanência ou não das 1.264 barracas de importados no estacionamento do Estádio Mané Garrincha.

Dos 620 entrevistados, 82% afirmaram que os feirantes devem pas-

sar a pagar impostos para regularizar sua situação. Hoje, eles sonegam o Imposto sobre Produto Industrializado (IPI), Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (-ICMS) e Imposto de Importação (II). Tampouco pagam contribuições sociais (Previdência Social e Fundo de Garantia por Tempo de Serviço), apesar de empregarem vendedores.

Apenas 14% das pessoas entrevistadas disseram que o comércio de importados no Mané Garrincha deve continuar do jeito que está, isento das cobranças previstas pela legislação. Um por cento sugeriu o fechamento definitivo das barracas.

"Se tem que pagar, paga logo e regulariza. O que não se pode fazer é passar por cima da lei", diz a funcionária pública Maria Antônia Barbosa, 30 anos, que frequenta regularmente a feira. "Aquele é uma fonte de empregos que deve ser regulamentada. Deve-se arrumar uma forma de arrecadar impostos no local", opina o advogado Lúcio Henrique Lopes, 31 anos, morador da Asa Norte e comprador da feira.

CONVERSA FIADA

"A esmagadora maioria da população acha que o contrabando deve acabar. Mas ela fica dividida quando o assunto é a mudança da feira. No fundo, o que está em

MEIO A MEIO

Dos entrevistados,

47%

acham que a Feira do Paraguai deve ficar no Mané Garrincha

45%

são a favor da transferência dos feirantes para outro lugar

que os feirantes devem ir trabalhar em outro lugar (45%). "Pelos resultados da pesquisa, vemos que a população quer que a cidade se modifique. Uma cidade que foi tombada ainda muito jovem", observa Penna.

O tombamento de Brasília, como patrimônio da humanidade, é criticado até por autoridades. "Tombamento é conversa fiada", sentenciou o deputado distrital Manoel de Andrade (PMDB), o Manoelzinho, na última terça-feira — quando foi aprovado na Câmara Legislativa projeto de sua autoria que prevê a fixação da Feira do Paraguai no Mané Garrincha.

Também para os moradores do Distrito Federal, a necessidade de mudanças vem antes da preservação da capital. "No Mané Garrincha, a feira não fere plano urbanístico. A cidade é que tem de se rea-

questão é o tombamento de Brasília", avalia o diretor de Pesquisas do Instituto Soma, Ricardo Penna.

Apenas dois pontos percentuais separaram os que concordam com a permanência da feira no Mané Garrincha (47%) e os

que acham

daptar à nova realidade social e urbanística", reivindica Lúcio Henrique Lopes.

A funcionária pública Maria José Siqueira, 30 anos, concorda. "Acho que a feira deve ficar lá mesmo, para comodidade de todo mundo. Aquele é o melhor lugar. É tudo uma questão de conversa, de negociação entre feirantes e governo", acredita.

"A feira deve ficar no estádio. Os feirantes atendem bem, não atrapalham ninguém e oferecem boas opções de compras. Nada mais justo que legalizar", afirma o agente turístico José Roberto Costas, 30 anos. Morador de Sobradinho, ele vai freqüentemente à Feira do Paraguai em busca de jogos eletrônicos para o filho Lucas, de quatro anos.

OPÇÃO POPULAR

A pesquisa da Soma também confirmou a popularidade da Feira do Paraguai. Do total de entrevistados, 68% conheciam e já haviam ido ao local. Trinta por cento conheciam, mas afirmaram nunca ter ido ao estacionamento. Apenas 2% declararam desconhecer a feira.

A sondagem foi feita na última quinta-feira — dois dias depois de a Câmara Legislativa aprovar a permanência da feira no estacionamento do Estádio Mané Garrincha. Foram entrevistadas 620 pessoas por telefone no Plano Piloto, Cruzeiro, Guará, Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Sobradinho, Ceilândia, Samambaia e Gama.

Os homens e mulheres entrevistados pertenciam a faixas etárias variadas e tinham diferentes graus de formação — do 1º grau à universidade. Segundo Penna, a margem de erro da pesquisa é de 3,9%.